Submetido em 18.11.2017. Aprovado em 18.12.2017

PORTO ALEGRE FABULOSA EM DOIS OLHARES: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E AUGUSTO MEYER

Júlia Silveira Matos[1]

RESUMO:

As cidades, desde os tempos mais remotos da história da humanidade, são entendidas como manifestação do processo de formação da civilização. A civilidade se concretiza no ideal da urbes, ou seja, da cidade. Muitas são as explicações e análises da formação das cidades, na antiguidade ou na modernidade, no entanto, sua representatividade na vida contemporânea transcende a noção tradicional de ponto de comércio ou de vida política. Neste sentido, Sérgio Buarque de Holanda em sua obra *Raízes do Brasil* apresentou uma nova proposta para compreensão da cidade e de sua funcionalidade na vida moderna, *"Para muitas nações conquistadoras, a construção de cidades foi o mais decisivo instrumento de dominação que conheceram".*(HOLANDA, 1973:61).

Palavras Chave: Literatura, Sérgio Buarque de Holanda, AUGUSTO MEYER

ABSTRACT:
Cities, since the earliest times in the history of mankind, are understood as manifestations of the process of formation of civilization. Civility materializes in the ideal of the cities, that is, of the city. Many are the explanations and analyzes of the formation of cities, in antiquity or modernity; however, their representativeness in contemporary life transcends the traditional notion of point of commerce or political life. In this sense, Sérgio Buarque de Holanda in his Roots of Brazil presented a new proposal for understanding the city and its functionality in modern life, "For many conquering nations, the construction of cities was the most decisive instrument of domination that they knew"

kEY-WORDS: Literature, , Sérgio Buarque de Holanda, Augusto Meyer

As cidades, desde os tempos mais remotos da história da humanidade, são entendidas como manifestação do processo de formação da civilização. A civilidade se concretiza no ideal da urbes, ou seja, da cidade. Muitas são as explicações e análises da formação das cidades, na antiguidade ou na modernidade, no entanto, sua representatividade na vida contemporânea transcende a noção tradicional de ponto de comércio ou de vida política. Neste

[1] Professora na Fundação Universidade Federal do Rio Grande – Furg, Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Membro do CIPEL e autora da obra *Sérgio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil, diálogos com a política e a história brasileira*, dissertação defendida em 2004 na PUCRS.

sentido, Sérgio Buarque de Holanda em sua obra *Raízes do Brasil* apresentou uma nova proposta para compreensão da cidade e de sua funcionalidade na vida moderna, *"Para muitas nações conquistadoras, a construção de cidades foi o mais decisivo instrumento de dominação que conheceram".*(HOLANDA, 1973:61). Como vemos, para Sérgio Buarque a cidade se configura na modernidade como instrumento de dominação para os povos conquistadores, como foram nossos pais ibéricos. Desta forma, para ele, a formação das cidades e sua conseqüente habitação se opõe a natureza, é fruto das manifestações do espírito. A cidade assume o papel regulador da sociedade. A cidade como organismo vivo não somente regula, mede, molda, como é moldada pela vontade humana.

Entretanto, em meio ao que entendemos como pós-modernidade, tempo dos questionamentos, da crise de identidade, das transformações dos espaços, nos perguntamos, qual o novo papel das cidades? Como vemos, mais do nunca se faz necessário um novo olhar sobre o processo de constituição do espaço urbano. Neste artigo, nos propomos a analisar o conceito de formação e construção das cidades em dois olhares: o primeiro em *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, o segundo em *Segredos de Infância* de Augusto Meyer.

O paralelo que aqui nos propomos se fundamenta no antagonismo dos olhares. Ambos os escritores, analisados para este trabalho, tem em comum a literatura, no entanto, em suas trajetórias se distanciam pelos rumos de seus trabalhos. O primeiro, Sérgio Buarque de Holanda formou-se em direito, foi engajado no movimento modernista e atuou assiduamente como crítico literário. Até aqui, vemos grande semelhança com a trajetória de vida de Augusto Meyer, gaúcho, também modernista, escreveu para a revista Antropofágica, trabalhou no Instituto Nacional do Livro e exerceu durante muito tempo crítica literária veiculada no Diário de Notícias de Porto Alegre, entre outros jornais. Destarte, Sérgio Buarque Holanda após sua experiência na Alemanha, como jornalista do O Jornal, em 1929, enveredou pelos caminhos da História e se consagrou como historiador e autor de obras como *Raízes do Brasil* e *Visão do Paraíso*, clássicos da historiografia brasileira. Desta forma, centramos nossa análise no antagonismo reinante entre o olhar do historiador sobre a formação das cidades e do literato sobre a cidade formada, no caso de Augusto Meyer, Porto Alegre.

O literato e historiador paulista, Sérgio Buarque de Holanda, como bom seguidor das tipologias weberianas, estabeleceu um antagonismo entre dois modelos de colonização ibéricos, o espanhol e o português. Em seu capítulo intitulado *O semeador e o ladrilhador* afirma que os espanhóis, com um zelo minucioso, criaram grandes núcleos de povoação bem ordenados para *"... assegurar o predomínio militar, econômico e político da metrópole sobre as terras conquistadas(...)"* (HOLANDA, 1973:62). Para Sérgio Buarque, a formação desses povoados serviu como forma de concentração das forças normatizadoras na nação conquistadora. Esta criou povoados com o intuito de estabelecer centros de comando estáveis, nos quais podiam concretizar sua expansão e interiorização na colônia. Desta forma, a construção das cidades no interior da colonização espanhola foi resultado de profundo planejamento, não foi obra do acaso, do ajuntamento de pessoas, ou mesmo de necessidades de comércio, como nos afirma o autor,

> A construção da cidade começaria sempre pela chamada praça maior. Quando em costa de mar, essa praça ficaria no lugar de desembarque do porto; quando em zona mediterrânea, ao centro da povoação (...) A praça servia de base para o traçado das ruas: as quatro principais saíram do centro de cada face da praça. De cada ângulo saíram mais duas, havendo o cuidado de que os quatro ângulos olhassem para o quatro ventos. Nos lugares frios, as ruas deveriam ser largas; estreitas nos lugares quentes. No entanto, onde houvesse cavalos, o melhor seria que fossem largas. (HOLANDA, 1973:63)

Como vemos neste minucioso plano de constituição da cidade castelhana, o povoamento partia do centro e a praça tinha o mesmo papel *"... do cardo e do decumanus nas cidades romanas(...)"*(HOLANDA, 1973:64), o que demonstra a possibilidade de influência dos modelos greco-romanos de construção das cidades no plano hipano-americano. Para Sérgio Buarque, assim como o império romano conseguiu dominar vastas regiões a partir da fundação de cidades, a coroa espanhola colonizou grande parte da América.

Em contrapartida, a colonização e fundação das cidades na América portuguesa foi, contundentemente, tímida e mal aparelhada para vencer. Segundo Sérgio Buarque, *"Comparado ao dos castelhanos em suas conquistas, o esforço dos portugueses distingue-se principalmente pela predominância de seu caráter de exploração comercial, repetindo assim o exemplo da colonização da Antiguidade, sobretudo da fenícia e da grega; (...)".* Em sua visão, enquanto os castelhanos queriam fazer da colônia um prolongamento orgânico de sua nação, os portugueses queriam apenas extrair aquilo que fosse possível e transportar para a metrópole. Sendo assim, a grande distinção entre o trabalho português e castelhano, é que o primeiro tratava a colônia como simples lugar de passagem, enquanto o segundo buscou ampliar seu espaço nacional.

No entanto, o objetivo de constituição do espaço urbano não difere entre portugueses e castelhanos, na visão de Sérgio Buarque, ambos fundaram cidades com o intuito de dominar o território "recém-descoberto" e ao mesmo tempo proteger sua conquista. Dentre a colonização portuguesa a própria restrição à fundação de cidades no litoral, demonstra a preocupação com a proteção da marinha brasileira. *"Os portugueses, esses criavam todas as dificuldades às entradas terra a dentro, receosos de que com isso se despovoasse a marinha"*(HOLANDA, 1973:66). No olhar de Sérgio Buarque vemos, a cidade como instrumento militar, político, colonizador. Como vimos, ao descrever a cidade, o autor centrou sua análise nos detalhes do planejamento e não no papel social da mesma. A cidade em *Raízes do Brasil* é objeto, instrumento, coisa, não tem vida, não tem pessoas, na verdade, ela tem função. A constituição da cidade, para Sérgio Buarque, é efeito de um processo muito maior que a própria necessidade de dominação momentânea, é a própria materialização da civilidade e do ideal Ibérico civilizador. Segundo Maria Izabel Mendes de Almeida,

> Entre as diversas seqüências de pares de opostos que Sérgio Buarque destaca no modo de ser ou na estrutura social e política do Brasil e dos brasileiros, encontramos a ética do trabalho *versus* a ética da aventura,

> o recurso ao método e à organização calculista *versus* a ênfase no capricho e na vontade pessoal, o urbano e o rural, a burocracia e o caudilhismo, o predomínio da norma impessoal *versus* a invasão constante da justificativa da ação baseada no impulso afetivo. Este múltiplo universo de opostos pode ser entendido como desdobramentos e reflexos provenientes de um eixo de tensão central que acompanha toda a análise de Sérgio Buarque: a que se desenvolve entre as noções de *cordialidade* e *civilidade*. (ALMEIDA, 1996:68).

Como vemos, Maria Izabel de Almeida pontuou os antagonismos da obra de Sérgio Buarque, a dicotomia civilidade e cordialidade, trabalho e aventura, organização e vontade pessoal. A cidade buarquiana se configura no ideal da civilidade, de trabalho e organização. Entretanto, esta cidade ideal é castelhana, pois a urbes portuguesa nasce ao acaso, na ânsia de dominação e possessão, na visão do historiador.

A análise de Sérgio Buarque sobre a formação das cidades é parte de sua visão maior, que é a própria constituição do Estado brasileiro. Sendo assim, a cidade buarquiana aparece imersa, ou até dissolvida, em sua análise política do Brasil. No entanto, ao compararmos este olhar com a visão de Augusto Meyer sobre a cidade de Porto Alegre vemos o contrário.

O crítico literário e poeta gaúcho dedicou em sua obra autobiográfica *Segredos da Infância* um capítulo à descrição da cidade de Porto Alegre em seu tempo de infância. No início deste capítulo relatou *"Conheci um Porto Alegre fabuloso, regado a sarjetas de água verde, coberto de clarabóias e beirais"* (MEYER, 1966:64). Como vemos, sua Porto Alegre é fabulosa, geradora de sonhos, pois a fábula nada mais é do que a projeção da ilusão, do desejo. Mas, esta cidade também tem sarjetas, entretanto, elas tem cor, são *verdes*, vivas, cheias de *clarabóias e beirais*, ou seja, estão em movimento. Enquanto a cidade buarquiana é estática, morta e vazia, a cidade de Augusto Meyer é viva, colorida e fabulosa.

Para o poeta a cidade de Porto Alegre é interprete de seus sentimentos, é lugar de memória, *"Toda uma vertente da minha memória sentimental vai dar numa encruzilhada de ladeiras e becos, onde as vezes me aparece, como intérprete oportuno dos meus próprios sentimentos, o fantasma do guri que já fui".*(MEYER, 1966:64). Esta Porto Alegre, sob os olhos do poeta, não é material, mas sim espiritual, é o *fantasma* saudoso dos tempos de infância. *"O tempo e a memória dos homens impregnam quase sempre as coisas de uma névoa de passado e evocação que se transfigura com não sei que toques de magia"* (MEYER, 1966:64). Não são os prédios e casas que eram vistos pelo poeta, mas a história de vida guardada em cada espaço, rua e construção da cidade. Entretanto, este olhar saudoso era consciente da deturpação emocional, a verdadeira cidade estaria eternamente encoberta de *névoa do passado*.

FIGURA Nº1

Porto Alegre em fins do século XIX
FONTE: MUSEU DE COMUNICAÇÃO HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA

Como vemos na figura número 1, a cidade dos casarões, das torres das igrejas, das ruas sem asfalto aonde passavam as carroças, sob o olhar de Augusto Meyer, estava impregnada de lembranças, *"O meu Porto Alegre começa no fim dos planos de urbanização, com o imprevisto das vielas, o desaprumo dos muros limosos, um beiral emplumado de macega e os velhos nomes que as placas não conseguem abafar"* (MEYER, 1966:64). Para o poeta a sua Porto Alegre de infância era eterna e não podia ser abafada pela modernidade e transformação urbana da cidade. Qualquer mudança na estrutura da cidade, diante do saudosismo do poeta,

> Torna-se transparente qualquer paisagem, aos olhos de quem recorda ou tenta reconstituir os seus aspectos anteriores, e uma cidade, uma rua, começam a desandar para suas feições primitivas, a desmancharse, recompondo-se noutra ordem de planos, quando se projeta no seu passado a luz da fantasia evocativa (MEYER, 1966:64).

Assim, como num processo de transfiguração a velha cidade se sobrepõe a nova e projeta a fantasia de um passado fantasioso, ilusório, construído pela vontade de quem recorda. O poeta continua a sua descrição saudosista, produzindo crítica a depredação de sua amada Porto Alegre. *"Direi do encanto das sarjetas: nem sempre a água cheirava a ovo podre, dava em correr às vezes e corria carregando barquinhos de cisco para a boca dos bueiros"* (MEYER, 1966:65). O que antes era limpo, aparecia diante dos olhos românticos do poeta imundo pela modernização da cidade.

A cidade na visão de Augusto Meyer não é a cidade do trabalho, é o lugar dos passeios de seu tio *"Á direita, numa casa de sacada, morava o Tibúrcio de Azevedo,* (...) *Todas as tardes que Deus dava, ao sair para a sua volta higiênica, a passo lento e de bengala às costas,* (...)*"* (MEYER, 1966:65), das idas à Igreja *"Mas o sino grande da Matriz dominava a rotina com a poderosa voz de bronze, ao convocar os fiéis para a missa, do ponto mais alto da cidade* (...)*"* (MEYER, 1966:67).

Como vemos, ao contrário de Sérgio Buarque que apresenta uma cidade enérgica, instrumental, criada para cumprir os propósitos de dominação Ibérica, a Porto Alegre de Augusto Meyer vive o cotidiano a parte das estruturas políticas, envolta no olhar do indivíduo. Enquanto o historiador apresenta uma visão generalizadora da urbes, o poeta constrói a cidade singular, individual. Desta forma, o olhar de Augusto Meyer sobre Porto Alegre é único, é fruto de suas experiências individuais, de sua imaginação fantasiosa e de sua saudade da infância. Esta cidade fabulosa, colorida, que se desfaz a luz da fantasia evocada por quem recorda, aparece no relato do poeta imersa em um tempo lento, quase imóvel que se sobrepõe a dinâmica do presente.

Augusto Meyer via as transformações e permanências estruturais da cidade como resultado de anseios individuais, enquanto que Sérgio Buarque apresenta com clareza uma cidade formada a partir de interesses políticos, não de indivíduos, de grupos dominantes. Enquanto o historiador analisou a macro estrutura social, o poeta analisou a micro – história, o individual. Sérgio Buarque de Holanda com seu olhar científico procurou explicar a cidade como instrumento

e Augusto Meyer, poeta, romântico e saudosista apresentou a Porto Alegre de sua infância.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de. *Sérgio Buarque de Holanda e Antônio Cândido: principais linhas de interseção.* IN: **Masculino e Feminino: tensão insolúvel: sociedade brasileira e organização da subjetividade**. Rio de Janeiro. Rocco, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda.* Francisco de Assis Barbosa, organização e introdução. Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil.* 7 ed. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1973.

MEYER, Augusto. *Segredos de Infância*. 2 ed. Rio de Janeiro. Edições Cruzeiro, 1966.